

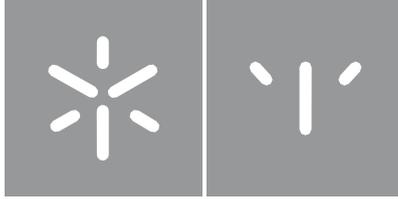


Universidade do Minho  
Escola de Psicologia

Vera Eugénie Amorim Rodrigues

Preditores de generatividade na idade adulta:  
empatia, vinculação e solidão





Universidade do Minho  
Escola de Psicologia

Vera Eugénie Amorim Rodrigues

**Preditores de generatividade na idade adulta:  
empatia, vinculação e solidão**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em Psicologia

Trabalho realizado sob a orientação do  
**Professor Doutor José Ferreira-Alves**

## DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

*Licença concedida aos utilizadores deste trabalho*



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Agradecimentos

À minha família: à minha mãe, à minha avó, à minha irmã. Agradeço de coração, por todo o apoio, pelo amor que nos une e pela força que sempre passaram para mim ao longo destes 5 anos. Sempre estiveram lá para as lágrimas, para as gargalhadas, para as vitórias e para as vezes em que me senti mais derrotada. Agradeço a toda a família por a cada instante me darem uma palavra amiga de incentivo e de coragem, em especial, ao meu namorado José, pelo carinho, pela atenção, pela paciência e ajuda constante. Lembrar-me-ei todos os dias do quão importante foi a sua presença neste último ano. Obrigada por tudo!

Ao meu orientador, professor doutor José Ferreira-Alves, por todo o apoio. Estarei eternamente grata pela sua disponibilidade. Hora do dia ou dia da semana, nunca foram impedimento para podermos contactá-lo e, por isso, eu e as minhas colegas, não iremos esquecer o quanto o longe se podia fazer perto quando mais precisávamos de ajuda. Obrigada por todas as sextas de aprendizagem, orientação e amizade. A nossa escolha foi a mais acertada. Iremos levá-lo sempre nas nossas memórias.

Ao João. Agradeço profundamente a sua generosidade. A sua ajuda a nível estatístico foi incansável e só espero que a vida o recompense por todas as horas que dispensou para me auxiliar. Sem a sua ajuda, a estatística teria elevado imenso o meu nível de ansiedade. Obrigada mesmo!

Aos meus amigos. A minha gratidão para com todos que me apoiaram, ao longo destes 5 anos, e se preocuparam comigo, é imensa. Obrigada a todos pelos sorrisos que me proporcionaram e, principalmente, pela amizade. Quero agradecer, de forma especial, à Andreia, à Bruna, à Filipa, à Marta e à Mariana. Sem elas, muitos momentos teriam sido um bicho de sete cabeças. Estou grata a elas por terem cuidado de mim e me terem abraçado em momentos mais tristes, mas também, por viverem comigo, situações de alegria e de êxito. Amizades assim são para a vida!

Por último, mas igualmente importante para mim, aos meus participantes e a todos os profissionais que conheci ao longo da minha recolha de dados. Estou muito agradecida pelo carinho e pela confiança que depositaram em mim. As histórias de vida, as memórias e as aprendizagens que partilharam comigo foram únicas e muito especiais para mim. Obrigada a todos pelos desejos de muita saúde. Só espero que cada pessoa que conheci tenha uma longa vida. Obrigada!

Obrigada a todos, para sempre!

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 4 de Junho de 2020

Assinatura: Veira Eugénie Amoreim Rodrigues

## Resumo

O conceito de generatividade, proveniente da teoria de desenvolvimento humano de Erikson, designa um conjunto de processos e tarefas que emergem sobretudo na vida adulta. Esses processos refletem uma mudança de orientação global da preocupação predominante consigo próprio para a preocupação e orientação para com os outros, nomeadamente, da geração seguinte. O cuidado, é, aliás, de acordo com Erikson, a virtude humana que emerge deste período. Neste estudo, o objetivo passou por compreender de que forma processos como a empatia, a vinculação e solidão, podem prever a generatividade. Foram aplicados instrumentos avaliativos a 224 adultos, realizando-se análises de variância e de correlação e uma regressão hierárquica. Os dados sugerem que jovens adultos e adultos de meia-idade apresentam maior preocupação e ação generativas do que adultos idosos. A empatia e a solidão correlacionam-se positiva e negativamente com a preocupação generativa no grupo de jovens adultos, respetivamente. Quanto à predição, a solidão prediz a preocupação generativa no grupo de jovens adultos e no de adultos de meia-idade, e a empatia prediz a ação generativa no grupo de adultos idosos. O facto de nem todos os dados serem expectáveis, leva a concluir o contributo positivo deste estudo visto que torna imperativa pesquisa posterior de confirmação dos dados.

*Palavras-chave:* empatia, generatividade, população adulta, solidão, vinculação

### **Abstract**

The concept of generativity, derived from Erikson's theory of human development, designates a set of processes and tasks that emerge mainly in adult life. These processes reflect a change in the global orientation from the predominant concern with oneself to the concern and orientation towards others, namely, of the next generation. Care, in fact, according to Erikson, is the human virtue that emerges from this period. In this study, the objective was to understand how processes such as empathy, attachment and loneliness can predict generativity. Evaluative instruments were applied to 224 adults, with analysis of variance and correlation and hierarchical regression. The data suggest that young adults and middle-aged adults have greater generative concern and action than older adults. Empathy and loneliness are positively and negatively correlated with generative concern in the group of young adults, respectively. As for prediction, loneliness predicts generative concern in the group of young adults and that of middle-aged adults, and empathy predicts generative action in the group of elderly adults. The fact that not all data is expected, leads to conclude the positive contribution of this study since it makes further research to confirm the data imperative.

*Keyword:* empathy, generativity, adult population, loneliness, attachment

## Índice

Introdução.....	8
Método.....	14
Participantes .....	14
Instrumentos.....	14
Procedimento.....	16
Estratégia de Análise de Dados.....	17
Resultados .....	18
Discussão .....	24
Pontos fortes, limitações e recomendações futuras.....	27
Referências .....	29
Anexo.....	34

## Índice de Figuras

Figura 1: Sete componentes de generatividade.....	9
---	---

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Análise de <i>clusters</i> K-médias: médias das dimensões da EVA para cada <i>cluster</i> .....	18
Tabela 2: Análise descritiva das medidas em estudo .....	19
Tabela 3: Análise de regressão hierárquica para a preocupação e a ação generativas.....	23

## Preditores de generatividade na idade adulta: empatia, vinculação e solidão

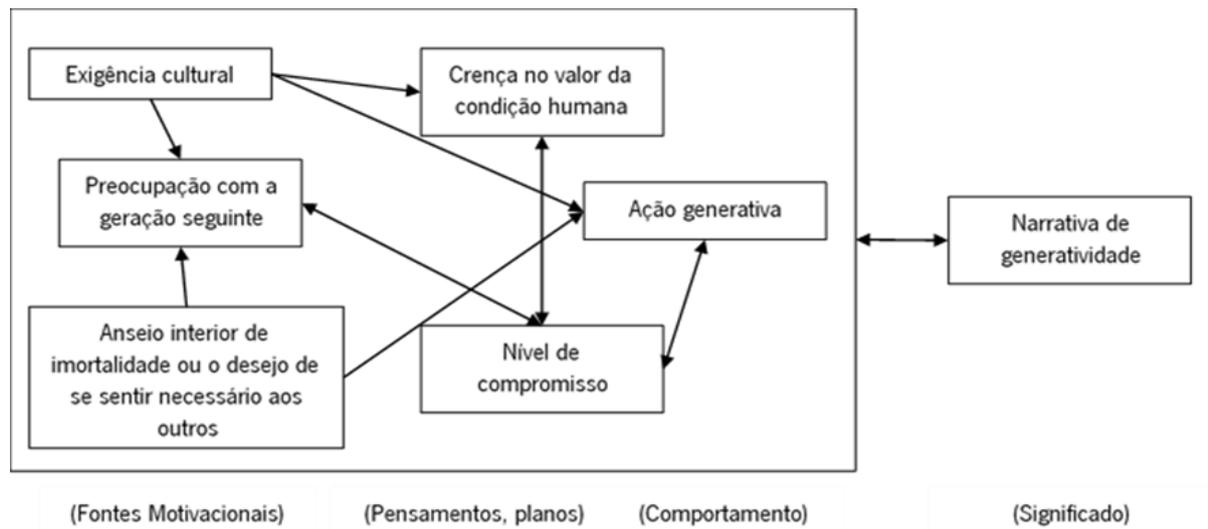
Erik Erikson foi o primeiro a propor o conceito de generatividade na sua teoria dos estádios da vida humana que engloba interações entre fatores biológicos, sociais e psicológicos (Erikson & Erikson, 1981). Este conceito designa um processo de desenvolvimento que ocorre especialmente na meia-idade. Consiste numa preocupação aumentada para com a produção e o cuidado da geração seguinte, a preservação de bens e valores culturais dos antepassados (McAdams & de St. Aubin, 1992). Embora pareça evidente que muitos adultos possuam níveis razoáveis de generatividade e que a sociedade onde vivemos apresente traços claros desta, este processo não é muito relacionado com fenómenos psicológicos importantes que lhe podem dar um sentido mais amplo.

Como forma de tornar mais claro o sentido do conceito *generatividade* alguns autores propuseram-se a teorizar sobre a sua “anatomia”, descrevendo 7 componentes desse processo: exigência cultural, desejo interior de imortalidade, preocupação com a geração seguinte, nível de compromisso, crença no valor da espécie humana, ação generativa e narrativa de generatividade (McAdams & de St. Aubin, 1992).

McAdams e de St. Aubin (1992) apresentam, os sete componentes de generatividade e a relação existente entre os mesmos, como mostra a figura 1. O modelo explica que a exigência cultural (1) ou fatores e forças externas ao indivíduo, juntamente a um anseio interior de imortalidade ou de se sentir necessário aos outros (2), leva o sujeito a preocupar-se conscientemente com a geração seguinte (3) e, com o apoio de uma crença no valor da espécie humana (4), a criar um determinado nível de compromisso (5) e uma ação generativa (6). Caso a ação generativa decorra diretamente do nível de compromisso, então haverá maior eficácia, satisfação e mais valorização social. Os autores salientam que esta ação pode acontecer pela criação de objetos ou pessoas, pela manutenção de comportamentos como o cuidar de pessoas ou rituais e/ou pela oferta de algo que passa para a geração seguinte. O último componente, narrativa de generatividade (7), dá sentido às relações existentes entre as restantes características de generatividade, ou seja, há uma integração dos vários componentes levando à criação da história subjetiva do indivíduo, pelo que a narrativa de generatividade dá significado à sua vida no momento.

Figura 1

*Sete componentes de generatividade*



A generatividade também tem sido estudada porque se pretende perceber como o processo se desenvolve ao longo da vida adulta. O estudo de McAdams e col. (1993) mostra que os níveis de generatividade são mais elevados na meia idade, seguindo-se os adultos idosos e, por fim, os jovens que demonstram ser menos generativos. Este estudo avalia quatro características de generatividade: preocupação generativa, nível de compromisso, ação generativa e narrativa de generatividade, enquanto o estudo de Ferreira-Alves e col. (2006) foca-se apenas na preocupação e ação generativas.

Relativamente à preocupação generativa, o estudo de Ferreira-Alves e col. (2006) mostra que os níveis diminuem ao longo da vida adulta, o que não acontece com a ação generativa. A relação entre esta e a idade não é linear. Paralelamente, os autores descobriram que indivíduos com filhos demonstram menos preocupação generativa, mas mais atos generativos, em comparação com indivíduos sem filhos.

Segundo o estudo de Villar e Serrat (2014) que apresenta um ponto de vista intergeracional, ter e criar filhos não é a única forma de expressar generatividade visto que esta também pode ser notada no envolvimento em atividades cívicas. Além disso, entendem que a generatividade pode ser das etapas mais importante do modelo de Erikson, na medida em que é uma fase onde os adultos promovem o desenvolvimento e o bem-estar de outras gerações através de uma variedade de atividades cívicas, políticas e/ou religiosas. Assim, há um contributo para a manutenção e melhoria de contextos e o reforço de redes relacionais que garantem a continuidade entre gerações.

Mais recentemente, o estudo de Chen e col. (2019) constatou haver uma ligação entre o envolvimento cívico em jovens e o seu efeito positivo na generatividade aquando da meia-idade. A participação em atividades cívicas ou a preocupação com a sociedade e o voluntariado na comunidade em jovens adultos, pressagia sentimentos de ter feito a diferença na meia-idade (apenas em indivíduos sem filhos). O mesmo estudo descobriu ainda que o envolvimento em trabalhos intrinsecamente gratificantes provoca nos trabalhadores sentimentos de que estão a ajudar a estabelecer e a orientar a geração seguinte, pelo que está ligado a maiores níveis de generatividade.

Deste modo, além de existir o interesse acerca da caracterização da população adulta em termos da sua preocupação e ação generativas, é importante também perceber o que pode predizer a generatividade, de que processos se compõem, como a empatia, vinculação e solidão.

Na medida em que a generatividade envolve o cuidado e a preocupação com outros, é natural que processos de empatia estejam envolvidos. A empatia define-se como sentimentos de preocupação e compaixão direcionados para os outros quando estes estão em sofrimento ou, essencialmente, por um processo ativo em que o observador se esforça para se colocar no papel dos outros, perceber as suas experiências (Davis, 2018).

No estudo de O'Brien e col. (2013), a empatia varia ao longo da vida adulta, sendo que na meia-idade apresentam mais empatia que jovens e adultos idosos. Os mesmos autores, tal como Toussaint e Webb (2005), descobriram que existem diferenças no género. As mulheres demonstram mais empatia que os homens.

A empatia está ainda relacionada com uma variedade de conceitos. Vários estudos são exemplo disso, tal como o de Lawford e Ramey (2017), que prevê o efeito de indicadores de desenvolvimento, como a empatia, a autoestima e a iniciativa, mediados pela preocupação generativa, no envolvimento na comunidade. Neste estudo, os mesmos indicadores de desenvolvimento preveem significativamente a generatividade. Salienta-se que a empatia não estava relacionada tão fortemente à generatividade na amostra de adolescentes em comparação com a amostra de jovens adultos. Apesar de não encontrarem razão aparente para tal, os autores referem que é necessária mais pesquisa para esclarecer como a empatia prediz a generatividade ao longo do tempo e que, possivelmente, a empatia precoce é importante na generatividade numa fase posterior, e não simultânea.

Um outro estudo, não tão recente, analisa a relação entre vinculação e empatia verificando-se que esta é mais emocional que cognitiva. Além disso, mostra que a vinculação tem maior probabilidade de

afetar negativa do que positivamente a empatia, de acordo com as relações encontradas entre as suas dimensões (Britton & Fuendeling, 2005).

A vinculação é vista como qualquer comportamento que um indivíduo pratica para alcançar ou manter proximidade com outro que está mais capacitado para lidar com o mundo (Bowlby, 1982). A teoria da vinculação tenta esclarecer os laços emocionais que os indivíduos criam com pessoas importantes para si, e como isso pode moldar a experiência ao longo das suas vidas (Fraley, 2019).

John Bowlby é considerado o fundador da teoria da vinculação e a sua tese foca as interações entre a criança e a figura de vinculação, sendo que a criança, além de criar expectativas sobre a disponibilidade da figura de vinculação, também espera a forma como essa mesma figura responde às suas necessidades, essencialmente, a sua segurança e proteção (Soares, 2009). Os conhecimentos que ao longo do tempo vão sendo adquiridos acerca do *self*, da figura de vinculação e das relações existentes entre ambos, são organizados em modelos internos dinâmicos de vinculação (Bowlby, 1982).

Após o surgimento da teoria da vinculação, Mary Ainsworth criou a “Situação Estranha” com a qual estudou e observou as interações mãe-bebê. A partir deste procedimento distinguiu três estilos de vinculação na infância: seguro, inseguro-evitante e inseguro-ansioso/ambivalente (Ainsworth e col., 1978 como citado em Soares, 2009). Estes padrões também foram utilizados para estudar a vinculação ao longo da vida adulta (Hazan & Shaver, 1987), na medida em que relacionamentos seguros podem servir de base para o bem-estar psicológico, enquanto inseguros ou definidos pela incerteza podem levantar dúvidas acerca do *self*, e resultar em dificuldades interpessoais, como ser pai ou ter um parceiro efetivo (Fraley, 2019).

A vinculação criada na infância influencia as interações ao longo da vida. Contudo, os modelos internos dinâmicos de vinculação podem sofrer alterações. Deste modo, a manutenção dos estilos de vinculação da infância até à idade adulta deve ser vista segundo uma “perspetiva probabilística e não determinista” (Soares, 2009). A literatura mostra uma relação de 70 a 80% entre o estilo de vinculação na infância e o padrão existente na idade adulta. No entanto, os restantes 20 a 30% podem passar por mudanças no seu estilo de vinculação dependendo de uma combinação de variáveis, como por exemplo, alterações nos relacionamentos, eventos situacionais e uma diversidade de outros fatores (Horwitz, 2005).

No que concerne aos vínculos na idade adulta, parece haver maior facilidade quando há uma base segura sobre a qual se criam novas relações. Quando os indivíduos apresentam uma vinculação segura

comunicam mais efetivamente, resolvem de forma mais adequada os seus conflitos interpessoais, têm maior competência para lembrar experiências dolorosas, sentem-se mais satisfeitos e comprometidos nos seus relacionamentos, são mais eficazes na regulação das suas emoções e relatam menor vulnerabilidade a sintomas psicopatológicos ou de saúde física, quando comparados com indivíduos inseguros (Fraley, 2019).

Segundo a literatura existente, o estilo de vinculação inseguro-ansioso/ambivalente é maior em jovens do que em adultos mais idosos, ao mesmo tempo que o padrão de vinculação inseguro-evitante tende a ser maior em adultos mais idosos do que em jovens (Fraley, 2019).

A vinculação também tem sido estudada devido à possível relação com o conceito de generatividade. O estudo de Lawford e col. (2017), evidencia a importância da vinculação no aparecimento da generatividade precoce. Este estudo informa acerca da relação entre generatividade e vinculação numa amostra de adolescentes, sendo que um estilo de vinculação seguro pode prever a preocupação generativa. Além disso, Christensen (2017) descobriu que as duas variáveis estão positivamente correlacionadas, principalmente na meia-idade.

Como descrito anteriormente, os adultos com vínculos seguros tendem a ficar mais satisfeitos com as suas relações, sentem-se mais interligados e são capazes de fornecer apoio àqueles com quem criaram um vínculo e aos indivíduos de gerações seguintes. Desta forma, podemos relacionar a generatividade na medida em que é descrita como o produzir ou criar de bens, o investir nas gerações futuras, o auxiliar os outros e o transmitir de tradições (Christensen, 2017).

Além da generatividade, a vinculação também está relacionada com a solidão. Segundo o estudo de Hecht e Baum (1984), a existência de estilos de vinculação inseguros pode levar à solidão.

A solidão é entendida como uma experiência desagradável e angustiante que acompanha uma deficiência percebida na qualidade ou quantidade de relacionamentos sociais (Hawkley, 2015); pode também ser vista como um estado subjetivo de falta de afeto e proximidade desejados de alguém mais íntimo (solidão emocional) ou amigos e família (solidão relacional), ou seja, uma discrepância entre o nível preferido e real de contacto de um indivíduo, designando-se por uma experiência subjetiva e negativa de um desequilíbrio entre relacionamento realizado e desejado (De Jong Gierveld & van Tilburg, 2016; Ong e col., 2015). Além disso, é um fenómeno multivariado e não exclusivo da idade avançada (Ferreira-Alves, Magalhães e col., 2014; Hawkley, 2015).

A literatura acerca da solidão, além de definir o conceito, também distingue o termo isolamento social. Por vezes no discurso público estes termos não são distinguidos, mas são diferentes (Hawkley, 2015). O isolamento social distingue-se do termo solidão porque requer objetividade; é um estado de contacto mínimo com outras pessoas (Ong e col., 2015) dizendo respeito a características quantificáveis de uma situação e referindo-se a uma rede reduzida de parentes e relacionamentos não semelhantes (De Jong Gierveld & van Tilburg, 2016). Assim, indivíduos socialmente isolados não são necessariamente solitários, nem pessoas solitárias são necessariamente socialmente isoladas (De Jong Gierveld & van Tilburg, 2016; Hawkley, 2015).

De acordo com a revisão teórica de Hawkley (2015), o resultado de estudos realizados em países desenvolvidos indica que 40% dos adultos idosos relatam estar sozinhos algumas vezes, 5 a 15% relatam sentir-se solitários com frequência e este número aumenta para 50% quando se analisam adultos com idade superior a 80 anos de idade. Contudo, deve salientar-se que 15 a 30% da população em geral, tem sentimentos de solidão.

Segundo Hawkley (2015) e Neto (2014), a idade é um fator de risco que está inversamente correlacionado com a solidão. Contudo, há estudos que demonstram que a solidão varia ao longo da vida adulta, sendo os jovens adultos e, essencialmente, os adultos idosos vistos como grupos de risco, na medida em que a solidão aumenta a partir dos 75 anos de idade (Ferreira-Alves e col., 2014; Luhmann & Hawkley, 2016).

Além da idade, existem preditores ou fatores de risco, quer sociodemográficos, quer psicossociais ou relacionados com a saúde que estão associados à solidão. Deste modo, ser mulher, solteiro(a), divorciado(a), viúvo(a), ter pouco contacto com os outros ou baixa qualidade nos laços relacionais, piora da saúde física (como a predominância de doenças crónicas ou mobilidade afetada), falta de recursos socioeconómicos (educação e recursos financeiros limitados), passar por eventos traumáticos de vida, não trabalhar a tempo integral, viver sozinho, no interior do país, em ambientes urbanos ou instalações residenciais e ter menor satisfação autorreferida com atividades recreativas e sociais pode levar o indivíduo a sentir-se mais solitário (Ferreira-Alves e col., 2014; Hawkley, 2015; Luhmann & Hawkley, 2016; Ong e col., 2015; Neto, 2014).

Assim, no presente estudo propomo-nos saber se a solidão pode prever a generatividade, tal como é igualmente importante, perceber como se caracterizam as relações entre a empatia e a vinculação com a generatividade. É esperado que (1) a preocupação generativa diminua com a idade; (2) a ação generativa tenha valores mais elevados na meia idade; (3) a empatia se correlacione

positivamente com a generatividade; (4) hajam diferenças significativas de generatividade entre indivíduos com diferentes estilos de vinculação; (5) a solidão se relacione negativamente com a generatividade; (6) a empatia, a vinculação e a solidão predigam a generatividade.

## Método

### Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 224 adultos portugueses ( $N=224$ ) de ambos os sexos, sendo que 157 são mulheres (70.1%) e 67 são homens (29.9%), com idades compreendidas entre os 18 e os 96 anos ( $M = 44.50$ ,  $DP = 24.42$ ). Do total de participantes, 110 são solteiros (49.1%), 60 casados (26.8%), 12 divorciados/separados (5.4%) e 42 viúvos (18.8%); 15 analfabetos (6.7%), 62 com ensino básico (27.7%), 71 com ensino secundário (31.7%) e 76 com ensino superior (33.9%). Relativamente ao número de filhos, 109 participantes relataram não ter filhos (48.7%), 40 participantes têm um (17.9%), 44 com dois (19.6%), 13 com três (5.8%) e os restantes 18 indivíduos têm quatro ou mais filhos (8%).

A amostra foi recolhida junto de indivíduos, conhecidos da investigadora aos quais foi enviado um link (via *Messenger*) para responderem ao questionário online ou, no caso de todos os adultos idosos, através do questionário em formato papel em Centros de Dia e Associações.

Considerou-se unicamente como critério de exclusão na população idosa, possuir algum nível de comprometimento cognitivo que foi despistado através da utilização do Mini Exame do Estado Mental, sendo que esta exclusão foi realizada antes da recolha.

### Instrumentos

#### *Questionário Sociodemográfico*

Este questionário permite saber informações, tais como: sexo, idade, nacionalidade, estado civil, número de filhos e nível de escolaridade.

#### *Mini Exame do Estado Mental*

Esta medida é a versão portuguesa do *Mini Mental State Examination* (Folstein e col., 1975) de Guerreiro e col. (1994) que foi utilizada para avaliar de forma global o funcionamento cognitivo do adulto idoso. Apresenta os seguintes valores de corte para a deteção de comprometimento cognitivo: inferior ou igual a 15 pontos para indivíduos analfabetos, inferior ou igual a 22 pontos para os que possuem de 1 a

11 anos de escolaridade e ainda, inferior ou igual a 27 para os que têm mais de 11 anos de escolaridade (Guerreiro e col., 1994).

### ***Escala de Generatividade de Loyola***

Foi criada por McAdams e de St. Aubin (1992) e tem uma versão portuguesa, adaptada por Ferreira-Alves e col. (2006), sendo utilizada para medir a preocupação generativa. É composta por 20 itens e os seus autores propõem um somatório das pontuações atribuídas pelos participantes a cada item (considerando a existência dos itens invertidos: 2, 5, 9, 13, 14 e 15, para se obter uma pontuação global). Os itens desta escala são avaliados de 0 a 3, tendo em conta a frequência com que a afirmação se aplica ao sujeito, pelo que avalia de “Nunca se aplica” até “Aplica-se com muita frequência”. Quanto maior a pontuação, maior a preocupação generativa. Exemplos de itens desta escala são: item 4 - Sinto que faço diferença para muitas pessoas; item 13 - Sinto que não fiz nada que possa sobreviver à minha morte.

### ***Lista de Comportamentos Generativos***

Foi elaborada por McAdams, e col. (1998), com versão portuguesa de Ferreira-Alves e col. (2006), e é administrada para medir a ação generativa. Esta medida possui 50 itens acerca de comportamentos que cada participante pode ter desempenhado nos últimos dois meses. Deste modo, os participantes deverão avaliar como 0 se nunca desempenharam o comportamento, como 1 se o desempenharam uma vez ou, 2, se o realizaram mais do que uma vez. A pontuação de cada participante emerge da soma dos números assinalados em cada item (excetuando os “*filler*” itens cuja finalidade é o de despistar a possibilidade de o participante compreender o sentido do questionário e responder de acordo com o que acha desejável: 3, 4, 8, 14, 18, 22, 33, 39, 46 e 47). Quanto maior a pontuação, maior a ação generativa. Exemplos de itens desta lista são: item 7 - Ouvi uma pessoa a contar-me os seus problemas pessoais; item 39 - Tomei medicamentos prescritos por um médico.

### ***Índice de Reatividade Interpessoal***

Foi concebido por Davis (1983) e tem uma versão portuguesa de Limpo e col. (2010). Este instrumento contém 28 itens sobre comportamentos e emoções que dizem respeito a 4 dimensões de empatia (Fantasia, Tomada de Perspetiva, Preocupação Empática e Sofrimento Pessoal). Cada participante responde numa escala de *Likert* de 1 a 6, sobre o quanto cada afirmação se identifica consigo. Se escolher 1, significa que não se identifica nada com a afirmação, e se escolher o 6 significa que se identifica completamente. A pontuação final é obtida a partir da soma das pontuações assinaladas, mas deve ter-se em atenção os itens invertidos (3, 4, 7, 12, 13, 14, 15, 18 e 19). Quanto

maior a pontuação, maior a empatia. Exemplos de itens deste índice: item 8 - Numa discussão tento ver o ponto de vista de todos antes de formar uma opinião; item 14 - As desgraças dos outros não costumam perturbar-me muito.

### ***Escala de Vinculação do Adulto***

Foi produzida por Collins e Read (1990) e adaptada por Canavarro (1997; citado em Canavarro e col., 2006) para medir a vinculação no adulto. É constituída por 18 itens correspondentes a 3 dimensões: Conforto/Contacto com a proximidade, que avalia o nível de conforto do participante ao estabelecer relações próximas e íntimas; Confiança nos outros, avalia se o sujeito sente que pode depender dos outros em situações que precisa deles; e, a dimensão de Ansiedade de abandono diz respeito ao grau em que o adulto se sente preocupado com a possibilidade de ser rejeitado. Esta medida é avaliada numa escala do tipo *Likert* de 1 a 5, em que 1 corresponde a “Nada característico em mim” e 5 diz respeito a “Extremamente característico em mim”. Para obter o *score* do participante em cada uma das dimensões, é calculada a soma dos itens de cada dimensão e dividida posteriormente por 6. Deve também, ter-se em conta os itens invertidos: 2, 7, 8, 13, 16, 17 e 18. Quanto maior o valor da pontuação obtida, maior a ansiedade de abandono, confiança em depender e conforto com a proximidade. Exemplos de itens desta escala são: item 1 - Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas; item 16 - Acho difícil confiar completamente nos outros.

### ***UCLA - Loneliness Scale***

Construída por Russell e col. (1980) e adaptada por Neto (1989; citado em Neto, 2014) englobando 18 itens (9 destes com cotação invertida, os quais: 1, 4, 5, 8, 9, 13, 14, 17 e 18). Nesta escala, cada participante terá de avaliar de 1 a 4 a frequência com que se sente da forma descrita em cada um dos itens, pelo que 1 corresponde a “Nunca” e 4 diz respeito a “Muitas vezes”. A pontuação final dos participantes corresponde à soma das pontuações dadas em cada item, variando entre 18 e 72, sendo que, *scores* mais elevados correspondem a maiores níveis de solidão. Exemplos de itens desta escala são: item 3 - Não há ninguém a quem eu possa recorrer; item 9 - Há pessoas a quem me sinto chegado(a).

### **Procedimento**

Inicialmente foi enviado o pedido de parecer à Comissão de Ética da Universidade do Minho. Após a sua aprovação (anexo), deu-se início ao recrutamento dos participantes, contactando-se as Associações e Centros de Dia selecionados previamente, por conveniência.

Em cada uma das instituições, todos os participantes tinham acesso ao consentimento informado, que explicava pormenorizadamente a temática em estudo e o seu procedimento. Foram informados de

que não haveria qualquer compensação pela sua participação. Paralelamente, informou-se que a sua participação era anónima pelo que as informações prestadas são confidenciais. Logo após, era administrado o Mini Exame do Estado Mental a todos os que possuíam mais de 65 anos.

De seguida, os sujeitos responderam a todos os instrumentos pela ordem que se segue: Questionário Sociodemográfico, Escala Generativa de Loyola, Lista de Comportamentos Generativos, Índice de Reatividade Interpessoal, Escala de Vinculação do Adulto e UCLA – Loneliness Scale. Cada instrumento e as opções de resposta foram lidos em voz alta, tendo em conta que alguns participantes eram analfabetos. Deste modo, cada recolha face a face demorou entre 40 a 60 minutos.

As medidas referidas acima foram apresentadas aos restantes participantes em formato online através da plataforma *Qualtrics*. Foi enviado o link e alguma informação adicional (via *Messenger*) para conhecidos da investigadora, aos quais era ainda pedido que divulgassem o questionário pelos seus conhecidos com o intuito de os incentivar também a participar no estudo, verificando-se, assim o efeito da bola de neve.

A recolha de dados aconteceu entre outubro e dezembro de 2019.

### **Estratégia de Análise de Dados**

Todos os dados recolhidos foram tratados e analisados através da versão 25 do *software* IBM® SPSS® para Windows.

Inicialmente, devido à dimensão da amostra ( $n=224$ ), assumiu-se a distribuição normal dos dados (Field, 2018).

Paralelamente e, dado que a EVA impossibilita a avaliação direta dos estilos de vinculação, realizou-se uma análise de *clusters*. Assim, através das dimensões avaliadas na escala classificaram-se os sujeitos de acordo com o estilo de vinculação seguro ou inseguro. Inicialmente, utilizou-se o método de *clusters* de duas etapas, a partir do qual é possível perceber qual o número de *clusters* que melhor se ajusta à amostra em estudo, seguindo-se o procedimento de Collins e Read (1990) e de Canavarro e col. (2006). Através da análise da matriz de aglomeração e da sua representação gráfica no método de *cluster* hierárquico, foi identificado o mesmo número de *clusters* que no método anterior. De acordo com estes resultados, determinou-se o número de *clusters* que melhor representa a amostra e aplicou-se o método de k-médias no qual se observam as médias dos *scores* das dimensões da escala nos *clusters*. Com a análise das médias das dimensões foi possível definir o *cluster* seguro e o inseguro, visto que

indivíduos seguros apresentam maior média nas dimensões de Contacto com a proximidade e Confiança nos outros e menor na dimensão de Ansiedade.

Por fim, para testar as hipóteses em estudo foi usado o Coeficiente de Correlação de Pearson ( $r$ ), a Análise de Variância Unifatorial e a de dois fatores ( $F$ ) e uma análise de regressão hierárquica.

## Resultados

A descrição dos resultados encontra-se organizada de acordo com as hipóteses em estudo. Contudo, é importante iniciar pela análise que foi realizada para a determinação dos estilos de vinculação e pela análise descritiva dos instrumentos utilizados na avaliação dos participantes.

No que diz respeito à análise para determinação dos estilos de vinculação, através do método de *clusters* de duas etapas foi possível estabelecer a aglomeração em dois *clusters*. De acordo com a análise dos coeficientes da matriz de aglomeração e da sua representação gráfica no método hierárquico, observam-se também, dois *clusters*. Deste modo, e tendo em vista os resultados dos diferentes métodos, a amostra divide-se em dois *clusters* em cada faixa etária. Na tabela 1, constata-se as médias das dimensões da EVA em cada um dos *clusters*.

**Tabela 1**

*Análise de clusters k-médias: Médias das dimensões da EVA para cada cluster*

Faixa etária	Dimensões da EVA	Clusters		
		1	2	
Jovens Adultos		(n=89)	(n=29)	$F(1, 116)$
	Ansiedade	2.45	4.27	.236*
	Contacto/Conforto com a proximidade	3.64	3.17	1.766*
	Confiança nos outros	3.28	2.47	1.071*
Adultos de meia-idade		(n=40)	(n=11)	$F(1, 49)$
	Ansiedade	1.96	3.58	6.052*
	Contacto/Conforto com a proximidade	3.56	2.86	1.064*
	Confiança nos outros	3.29	2.42	.166*
Adultos idosos		(n=42)	(n=13)	$F(1, 53)$
	Ansiedade	1.57	1.90	.145*

Contacto/Conforto com a proximidade	4.12	3.28	3.832*
Confiança nos outros	3.61	2.78	.550*

\*  $p < .05$

Tal como em Collins e Read (1990) e Canavarro e colaboradores (2006), o *cluster* com médias mais baixas nas dimensões de conforto com a proximidade e confiança nos outros e uma média mais elevada na dimensão de ansiedade em comparação com o outro *cluster* (*cluster 2*) corresponde a um estilo de vinculação insegura. Pode ser descrito como um conjunto de indivíduos que tem medo de poder vir a ser abandonado e, se sente desconfortável quando está em contacto com os outros e tem de confiar neles.

O *cluster 1* indica que os restantes participantes possuem um estilo de vinculação segura, na medida em que exhibe médias mais elevadas nas dimensões de contacto com a proximidade e confiança nos outros, e mais baixa na dimensão de ansiedade, em comparação com o *cluster 2*. Demonstra estar mais confortável na proximidade e confiança nos outros, não tendo medo de poder vir a ser abandonado.

Paralelamente, realizaram-se análises para melhor compreensão das características descritivas das medidas utilizadas, apresentadas na tabela 2.

**Tabela 2**

*Análise descritiva das medidas em estudo*

	Média (DP)	Mín.	Máx.	Assimetria	Estatísticas <i>F</i> (2,221)
<b>Preocupação Generativa (EGL)</b>					16.389*
Jovens Adultos	35.82 (7.91)	17	53	-.139	
Adultos de Meia – idade	35.12 (9.64)	13	53	-.053	
Adultos Idosos	28.42 (6.98)	14	44	.126	
<b>Ação Generativa (LCG)</b>					213.776*
Jovens Adultos	66.25 (12.66)	46	110	1.174	
Adultos de Meia – idade	63.31 (26.78)	4	107	-.744	
Adultos Idosos	13.60 (7.48)	4	40	1.610	

<b>Empatia (IRI)</b>					7.286*
Jovens Adultos	113.69 (14.48)	80	141	-.218	
Adultos de Meia – idade	110.88 (15.29)	83	157	.719	
Adultos Idosos	120.53 (9.82)	103	148	.457	
<b>Fantasia</b>					77.565*
Jovens Adultos	4.03 (.89)	2	6	-.056	
Adultos de Meia – idade	3.33 (.91)	2	6	.312	
Adultos Idosos	2.27 (.76)	1	4	1.192	
<b>Tomada de Perspetiva</b>					8.408*
Jovens Adultos	4.15 (.84)	2	6	-.329	
Adultos de Meia – idade	4.20 (.84)	3	6	.219	
Adultos Idosos	4.67 (.62)	3	6	-.241	
<b>Preocupação Empática</b>					35.996*
Jovens Adultos	4.68 (.69)	3	6	-.223	
Adultos de Meia – idade	4.70 (.77)	3	6	-.316	
Adultos Idosos	5.55 (.41)	4	6	-1.788	
<b>Sofrimento Pessoal</b>					43.409*
Jovens Adultos	3.38 (.90)	1	5	-.109	
Adultos de Meia – idade	3.62 (.91)	2	6	.446	
Adultos Idosos	4.73 (.88)	2	6	-1.047	
<b>Vinculação (EVA)</b>					
<b>Ansiedade</b>					40.586*
Jovens Adultos	2.89 (1.01)	1	5	.378	
Adultos de Meia – idade	2.31 (.86)	1	5	1.005	
Adultos Idosos	1.65 (.36)	1	3	.425	
<b>Conforto c/ a proximidade</b>					13.187*
Jovens Adultos	3.53 (.55)	2	5	.137	

Adultos de Meia – idade	3.41 (.58)	2	5	.106	
Adultos Idosos	3.92 (.55)	2	5	-.946	
<b>Confiança nos outros</b>					5.630*
Jovens Adultos	3.08 (.68)	1	5	-.628	
Adultos de Meia – idade	3.10 (.62)	2	5	-.239	
Adultos Idosos	3.42 (.51)	2	5	-.262	
<b>Solidão (UCLA)</b>					
Jovens Adultos	33.12 (8.79)	19	64	1.002	6.475*
Adultos de Meia – idade	32.53 (7.82)	19	49	.214	
Adultos Idosos	28.55 (5.77)	21	42	.936	

Neste âmbito, observa-se que os participantes que apresentam uma maior média na empatia são os adultos idosos ( $M = 120.53$ ,  $DP = 9.82$ ) e os que revelam maior média na solidão são os jovens adultos ( $M = 33.12$ ,  $DP = 8.79$ ). No que concerne à vinculação, os jovens adultos apresentam maior ansiedade de abandono ( $M = 2.89$ ,  $DP = 1.01$ ) e os adultos idosos revelam maior conforto com a proximidade ( $M = 3.92$ ,  $DP = .55$ ) e maior confiança nos outros ( $M = 3.42$ ,  $DP = .51$ ).

Passando o foco para as hipóteses em estudo, serão apresentados detalhadamente os resultados obtidos.

Para testar a primeira hipótese, realizou-se uma ANOVA unifatorial e encontraram-se diferenças estatisticamente significativas a nível da preocupação generativa entre os grupos etários em estudo,  $F(2, 221) = 16.389$ ,  $p < .001$ . Um teste *post-hoc* de Tukey revelou que os adultos idosos têm significativamente menos preocupação generativa do que os jovens ( $p < .001$ ) e do que os adultos de meia-idade ( $p < .001$ ). No entanto, não há diferenças entre os jovens adultos e os adultos de meia-idade ( $p = .863$ ).

Realizou-se o mesmo teste para a ação generativa e encontraram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários,  $F(2, 221) = 213.776$ ,  $p < .001$ . Um teste *post-hoc* de Tukey demonstrou que os adultos idosos têm significativamente menos ações generativas do que os jovens adultos ( $p < .001$ ) e os adultos de meia-idade ( $p < .001$ ). Não foram encontradas diferenças entre o grupo dos jovens e o dos adultos de meia-idade ( $p = .525$ ).

De acordo com a terceira hipótese, foi realizada uma correlação entre a empatia e a preocupação generativa. Foi encontrada uma relação positiva significativa no grupo dos jovens adultos ( $r = .225$ ,  $n = 118$ ,  $p = .015$ ). No grupo dos adultos de meia-idade ( $r = .235$ ,  $n = 51$ ,  $p = .096$ ) e no dos adultos idosos ( $r = .141$ ,  $n = 55$ ,  $p = .306$ ) não foram encontradas relações significativas. A diferença entre a correlação do grupo de jovens adultos e a de adultos idosos não foi estatisticamente significativa ( $z = -.522$ ,  $p = .301$ ). No que concerne à correlação entre a empatia e a ação generativa para cada um dos grupos etários, não se verificaram quaisquer relações significativas entre as variáveis.

De seguida realizou-se uma ANOVA de dois fatores para melhor compreensão do efeito da vinculação na preocupação generativa, nos três grupos etários. Não foi encontrada nenhuma interação estatisticamente significativa entre os efeitos da faixa etária e da vinculação na preocupação generativa,  $F(2,218) = 2.419$ ,  $p = .091$ . Contudo, há diferenças estatisticamente significativas ( $p < .001$ ) entre: o grupo de jovens adultos e os adultos de meia-idade; o grupo de jovens adultos e o de adultos idosos; o grupo de adultos de meia-idade e o de adultos idosos, não existindo diferenças significativas entre o grupo de jovens adultos e o de adultos de meia-idade ( $p = .857$ ). No que diz respeito à ação generativa, também não foi encontrada uma interação estatisticamente significativa entre os efeitos da faixa etária e da vinculação,  $F(2,218) = .443$ ,  $p = .643$ . No entanto, tal como na preocupação generativa, há diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários ( $p < .001$ ), com exceção do grupo de jovens adultos e o de adultos de meia-idade, visto que não há diferenças estatisticamente significativas entre estes ( $p = .528$ ).

Posteriormente, realizou-se uma correlação para testar a relação entre a preocupação generativa e a solidão. Foi encontrada uma relação negativa significativa no grupo dos jovens adultos ( $r = -.504$ ,  $n = 118$ ,  $p < .001$ ). Não foram encontradas relações significativas no grupo dos adultos de meia-idade ( $r = -.214$ ,  $n = 51$ ,  $p = .132$ ) e no dos adultos idosos ( $r = -.054$ ,  $n = 55$ ,  $p = .697$ ). A diferença entre a correlação do grupo de jovens adultos e a de adultos idosos é estatisticamente significativa ( $z = -2.996$ ,  $p = .001$ ). No que concerne à correlação entre a solidão e a ação generativa para cada um dos grupos etários, não se verificaram quaisquer relações significativas entre as variáveis.

Por último, foi realizada uma análise de regressão hierárquica para a preocupação e a ação generativas, tendo em vista as diferentes variáveis e as interações existentes, como se pode constatar na tabela 3.

Tabela 3

Análise de regressão hierárquica para a preocupação e a ação generativas

	Preocupação Generativa		Ação Generativa	
	Step 1	Step 2	Step 1	Step 2
Empatia (IRI)	.117 (.038)*	.118 (.039)*	-.083 (.095)	-.115 (.096)
Vinculação (EVA)	-2.045 (1.453)	-2.204 (1.434)	-.724 (3.602)	-.622 (3.579)
Solidão (UCLA)	-.284 (.076)*	-.226 (.078)*	-.032 (.188)	.023 (.194)
Faixa etária (FE)	4.377 (.636)*	-3.777 (.663)*	-23.999 (1.577)*	-22.511 (1.655)*
FE × IRI		-.061 (.053)		-.262 (.132)*
FE × EVA		1.371 (1.706)		-1.453 (4.258)
FE × UCLA		.218 (.101)*		.372 (.252)
$R^2$	.241	.277	.538	.554
$F$	17.430*	11.839*	63.848*	38.315*

\*  $p < .05$

Conforme pode ser visto na tabela 3, existe um efeito de interação significativo entre a faixa etária e a solidão na predição da preocupação generativa. Através de uma análise de inclinação simples verificou-se que em níveis baixos da faixa etária (jovens adultos), por cada ponto mais na variável solidão, há uma diminuição de .383 na preocupação generativa ( $b = -.383$ ,  $t(216) = -4.078$ ,  $p < .001$ ). Para níveis médios da faixa etária (adultos de meia-idade), por cada ponto mais na solidão, há uma diminuição de .226 na preocupação generativa ( $b = -.226$ ,  $t(216) = -2.908$ ,  $p = .004$ ). Para níveis altos (adultos idosos) não se encontra relação ( $b = -.043$ ,  $t(216) = -.343$ ,  $p = .732$ ).

Além disso, pode ser visualizado o efeito de interação significativo entre a faixa etária e a empatia na predição da ação generativa. A partir da análise de inclinação simples verificou-se que para os níveis mais baixos da faixa etária (jovens adultos) não se encontra relação ( $b = .074$ ,  $t(216) = -.609$ ,  $p = .543$ ), tal como para níveis médios da faixa etária, isto é, nos adultos de meia-idade ( $b = -.115$ ,  $t(216) = -1.188$ ,  $p = .236$ ). Para níveis altos (adultos idosos), para cada ponto mais na empatia, há uma diminuição de .333 na ação generativa ( $b = -.333$ ,  $t(216) = -2.084$ ,  $p = .038$ ).

## Discussão

Este estudo considerou a exploração do conceito de generatividade e a relação com fatores como a empatia, a vinculação e a solidão, na idade adulta, tendo em conta que a compreensão deste processo nas fases da vida adulta são benéficas e fundamentais (Lawford e col., 2020; Schoklitsch & Baumann, 2012). Deste modo, foram estabelecidas seis hipóteses que vão de encontro ao objetivo deste estudo e que, na sua maioria, foram aceites parcialmente - só se encontraram relações significativas no grupo dos jovens adultos e no caso da predição, apenas um efeito de interação para a preocupação generativa e, também um para a ação generativa.

Em primeiro lugar, é de salientar o facto de se encontrarem apenas dois estilos de vinculação nas respostas à Escala de Vinculação do Adulto, seguro ou inseguro, em vez de três estilos, como aconteceu nos estudos de Collins e Read (1990) e Canavarro e col. (2006) em amostras de adultos jovens e de meia-idade. Também é importante ter em vista que a presente amostra, constituída por jovens, adultos de meia-idade e adultos idosos, revela uma grande diferença entre o número de indivíduos com estilo de vinculação seguro e o de sujeitos com vinculação insegura; ou seja, a amostra possui muito mais indivíduos seguros que inseguros em contraste com as amostras de Collins e Read (1990) e Canavarro e col. (2006), nos quais o número de participantes com uma vinculação insegura (ou seja, o conjunto dos dois estilos inseguros) era maior do que o número de sujeitos com vinculação segura.

Em segundo lugar, importa sublinhar as descobertas acerca da generatividade nas três faixas etárias do atual estudo, tendo em consideração a trajetória linear do desejo de ser generativo, em estudos transversais, isto é, emerge no início da vida adulta e diminui ao longo do tempo (Schoklitsch & Baumann, 2012). Neste sentido, e tal como encontrado por Ferreira-Alves e col. (2006), era esperado que a preocupação generativa diminuísse ao longo da vida adulta. Os dados do presente estudo mostram que a preocupação generativa é maior em jovens e adultos de meia-idade quando comparados com os dados obtidos nos adultos idosos. Tal como no estudo de Nelson e Bergeman (2019), os indivíduos mais jovens e os de meia-idade tendem a apresentar mais generatividade do que adultos idosos, pelo que a preocupação generativa diminui apenas a partir da fase de meia-idade, confirmando parcialmente o que era expectável.

No que concerne à ação generativa, foi hipotetizado que seriam encontrados valores mais elevados na fase de meia-idade em comparação com outras faixas etárias, como encontrado por Ferreira-Alves e col. (2006) e McAdams e col. (1993). Os dados revelam que tanto jovens como indivíduos de meia-idade executam mais atos generativos no seu dia-a-dia do que adultos idosos. No entanto, as duas faixas etárias

são equivalentes no realizar de ações generativas, pelo que se confirma parcialmente a hipótese estabelecida inicialmente.

Em terceiro lugar, é razão de destaque a relação obtida neste estudo entre a generatividade e a empatia. De acordo com Hall e Schwartz (2018), existem várias formas de aperfeiçoamento do conceito e de operacionalizar a empatia no sentido de ser um termo amplo, generativo e unificador, o que justifica o estudo da relação entre a empatia e a generatividade. Acerca desta relação, Urrutia e col. (2009) encontraram uma relação positiva, tal como acontece neste estudo, em que os dados revelam uma relação positiva significativa entre a empatia e a preocupação generativa, mas só no grupo dos jovens adultos. Este resultado indica que jovens adultos mais empáticos apresentam maiores níveis de preocupação generativa (confirmando parcialmente a hipótese estabelecida). Contudo, e após o cálculo das diferenças entre correlações das faixas etárias, é de salientar a incerteza em relação à existência de relações significativas noutros grupos etários, visto que o cálculo, referido anteriormente, não foi significativo. Posto isto, e como referido por Lawford e Ramey (2017), é necessária mais pesquisa acerca da relação entre os dois conceitos, essencialmente no grupo de adultos de meia-idade e de adultos idosos. Quanto à ação generativa, não foi encontrada qualquer relação com a empatia, nas três faixas etárias, contrariamente ao expectável. Ainda assim, a evidência da relação entre preocupação generativa e a empatia no jovem adulto, pode ser a chave para a continuação de uma vida adulta produtiva e solidária até à velhice. A capacidade do sujeito se colocar no lugar do outro e tentar compreendê-lo, estimula os atos de cuidar e dar resposta às necessidades do outro, promovendo um exercício generativo nos mais variados contextos e dando sentido à vida das pessoas.

Em quarto lugar, importa enfatizar também a inexistência de associação entre a generatividade e a vinculação. A generatividade pode aumentar o senso de vinculação à comunidade, pelo que pode ser encarada como uma motivação para cuidar dos outros, como uma forma de deixar uma herança valiosa para as gerações seguintes e fortalecer a identificação dos indivíduos com a comunidade (Wiles & Jayasinha, 2013). Consequentemente, e considerando o estudo desta relação por Broderick e Blewitt (2010; citado por Christensen, 2017) e, de forma similar, por Christensen (2017), era esperado que esta relação fosse positiva. No presente estudo, contrariamente ao expectável, não foram encontradas relações significativas entre a vinculação e a preocupação ou a ação generativa, nas diferentes faixas etárias. Apesar disso, a partir das análises *post-hoc*, para perceber as diferenças significativas entre os grupos etários, mesmo não havendo relação com a vinculação, são reforçadas as relações encontradas anteriormente, no que diz respeito à relação da faixa etária com a preocupação e com a ação generativa.

No que concerne ao facto de não se ter encontrado relação entre a vinculação e a generatividade, deve ter-se em conta que, neste estudo, as análises dos *clusters* foram realizadas por faixa etária e não tomando a amostra como um todo, tal como realizado por Canavarro e col. (2006). Além disso, estudos como o de Christensen (2017) que, encontraram uma relação positiva entre as duas variáveis – vinculação e generatividade – não utilizaram a mesma medida de avaliação da vinculação, ou seja, não usaram a EVA como instrumento de medida. Este facto pode também justificar a inexistência de relação entre a vinculação e a generatividade, neste estudo.

Em quinto lugar, é de realçar a relação obtida entre a generatividade e a solidão. Embora nenhum estudo até então tenha medido esta relação de forma direta, outras pesquisas sugerem a sua existência, como por exemplo, quando abordam a relação da generatividade com o envolvimento cívico. O estudo de Chen e col. (2019), é uma das várias pesquisas que demonstram uma relação positiva entre generatividade e envolvimento cívico. Além disso, quando em intervenções que visam a promoção de generatividade, os participantes revelam melhorias na participação em atividades sociais, nas expectativas em relação ao envelhecimento, menor sofrimento psicológico (Moieni, Irwin e col., 2019), maior suporte social percebido e ainda, menores níveis de solidão (Moieni, Seeman e col., 2020). Também os estudos de Kleiber e Nimrod (2008) e de Bains e Turnbull (2019) demonstram uma associação positiva entre envolvimento cívico e generatividade, ligada a um senso de conexão social ou crescimento pessoal, pelo que é expressa menor solidão pelos indivíduos.

No presente estudo, foi encontrada uma relação negativa significativa entre a solidão e a preocupação generativa, apenas na faixa etária dos jovens adultos, demonstrando que jovens menos solitários revelam maiores níveis de preocupação generativa. Relativamente ao cálculo de diferenças entre correlações das faixas etárias, observou-se um valor significativo, mostrando a inexistência de relações significativas entre a solidão e a preocupação generativa noutros grupos etários. No que concerne à ação generativa, não foram encontradas relações significativas com a solidão em nenhuma faixa etária, contrariamente ao esperado. Assim, há a confirmação de que a solidão desempenha um papel muito importante no processo de generatividade, essencialmente no que se refere às preocupações generativas do jovem adulto, tendo em vista que a sua existência afeta a preocupação para com outros significativos e este facto pode influenciar as relações numa fase posterior da vida adulta.

Por último, é importante referir os efeitos de interação encontrados na predição da preocupação e da ação generativa. Quanto à preocupação generativa, foi encontrado um efeito entre a faixa etária e a solidão, demonstrando que em jovens adultos e em adultos de meia-idade, o aumento dos níveis de

solidão prediz a diminuição da preocupação generativa. Relativamente à ação generativa, o efeito de interação encontrado entre a faixa etária e a empatia revela que, apenas em adultos idosos, o aumento dos níveis de empatia prediz a diminuição de atos generativos.

Em suma, a empatia e a solidão apresentam relações significativas com a preocupação generativa, no grupo de jovens adultos. Além disso, o efeito de interação da faixa etária com a empatia (em adultos idosos) e com a solidão (em jovens adultos e adultos de meia-idade), prediz a ação e a preocupação generativa, respetivamente. Por este motivo, a empatia e a solidão devem ser consideradas e valorizadas em futuros estudos acerca da generatividade.

### **Pontos fortes, limitações e recomendações futuras**

O presente estudo é diferenciado dos já existentes pelo facto de focar a relação entre a generatividade, mais propriamente a preocupação e a ação generativas, e variáveis psicológicas, como a empatia, a vinculação e a solidão que proporcionam ao conceito maior amplitude e impacto. A partir dos dados obtidos é possível de realçar que a generatividade não se limita à faixa etária da meia-idade, mas também se estende ao grupo etário dos jovens adultos e dos adultos idosos.

A generatividade é essencial na manutenção de saúde psicológica na idade adulta e deve ser considerada em intervenções que visam a promoção de bem-estar nos adultos, pelo que os resultados do presente estudo servem de base para futuras intervenções. As investigações existentes demonstram que as intervenções que promovem a generatividade permitem, no momento, uma melhoria significativa, visto que os indivíduos são mais participativos, têm expectativas mais positivas em relação ao envelhecimento e menor sofrimento psicológico. Além disso, são de baixo custo e esforço.

Contudo, podem ser identificadas algumas limitações no estudo: (1) a avaliação quantitativa da generatividade pode limitar os dados que são fornecidos ao investigador, tendo em conta que a generatividade pode alterar-se mais qualitativa do que quantitativamente no tempo, apesar das medidas utilizadas apresentarem várias exemplos de preocupações e ações generativas; (2) a classificação da vinculação dos indivíduos através da análise de *clusters* para obter os estilos de vinculação, que apesar de útil para compreender os estilos de todos os participantes, é um processo que acaba por ser subjetivo. Além disso, a obtenção apenas de dois estilos de vinculação, impossibilita a distinção entre os estilos de vinculação inseguros e o seu impacto na preocupação e na ação generativa.

Posto isto, futuras investigações acerca do tema devem ponderar a utilização de entrevistas para aceder a mais informações acerca das preocupações e atos generativos praticados pelos participantes e

que não estão nos instrumentos utilizados, devido a uma natural evolução histórica e a utilização de uma abordagem dimensional como a que é avaliada pela Escala de Vinculação do Adulto (EVA), sugerida por Collins e Read (1990) e Canavarro e col. (2006) ou a utilização de outra medida de avaliação da vinculação no adulto, como a utilizada por Christensen (2017). Finalmente, e embora o número de participantes da amostra deste estudo seja considerado suficiente, seria pertinente a observação dos mesmos resultados em amostras de igual dimensão nas três faixas etárias.

## Referências

- Bains, K. K., & Turnbull, T. (2019). Improving health outcomes and serving wider society: The potential role of understanding and cultivating prosocial purpose within health psychology research and practice to address climate change and social isolation and loneliness. *Frontiers in Psychology, 10*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01787>
- Black, H. K., & Rubinstein, R. L. (2009). The effect of suffering on generativity: Accounts of elderly african american men. *Journal of Gerontology: Social Sciences, 64B*(2), 296–303. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbn012>
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and prospect. *American Journal Of Orthopsychiatry, 52*(4), 664-678. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1982.tb01456.x>
- Britton, P. C., & Fuendeling, J. M. (2005). The relations among varieties of adult attachment and the components of empathy. *The Journal of Social Psychology, 145*(5), 519–530. <https://doi.org/10.3200/SOCP.145.5.519-530>
- Canavarro, M., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da adult attachment scale-r (ASS-R) na população portuguesa. *Psicologia, 20*(1), 155-186.
- Chen, J., Krahn, H. J., Galambos, N. L., & Johnson, M. D. (2019). Wanting to be remembered: Intrinsically rewarding work and generativity in early midlife. *Canadian Review of Sociology/Revue Canadienne de Sociologie*. <https://doi.org/10.1111/cars.12228>
- Christensen, C. (2017). Attachment, forgiveness, and generativity in midlife. (Tese de Doutorado, George Fox University). Disponível em: <https://digitalcommons.georgefox.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1224&context=psyd>
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal Of Personality And Social Psychology, 58*(4), 644-663. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Davis, M. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence from a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology, 44*, 113-126. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>
- Davis, M. (2018). *Empathy* (pp. 5-9). Taylor and Francis.

- De Jong Gierveld, J., & van Tilburg, T. G. (2016). Social isolation and loneliness. *Encyclopedia of Mental Health, 4*, 175–178.
- Erikson, E., & Erikson, J. (1981). On generativity and identity: From a conversation with erik and joan erikson. *Harvard Educational Review, 51*(2), 249-269. <https://doi.org/10.17763/haer.51.2.g211757u27732p67>
- Ferreira-Alves, J., Magalhães, P., Viola, L., & Simoes, R. (2014). Loneliness in middle and old age: Demographics, perceived health, and social satisfaction as predictors. *Archives Of Gerontology And Geriatrics, 59*(3), 613-623. <https://doi.org/10.1016/j.archger.2014.06.010>
- Ferreira-Alves, J., Santos, P., Alves, C., Alves, A., Brito, L., & Cunha, F. (2006). Generatividade em estudantes e profissionais de educação. *Psychologica, 43*, 143-156.
- Field, A. (2018). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics*. SAGE.
- Folstein, M., Folstein, S., & McHugh, P. (1975). Mini-mental state: A practical method for grading the cognitive state of patients for the clinician. *Journal of Psychiatric Research, 12*(3), 189–198.
- Fraley, R. C. (2019). Attachment in adulthood: Recent developments, emerging debates, and future directions. *Annual Review of Psychology, 70*(1), 401–422. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-102813>
- Guerreiro, M., Silva, A. P., Botelho, M. A., Leitão, O., Castro-Caldas, A., & Garcia, C. (1994). Adaptação à população portuguesa da tradução do “mini mental state examination” (MMSE). *Revista Portuguesa de Neurologia, 1*, 9-10.
- Hall, J. & Schwartz, R. (2018). Empathy present and future. *The Journal of Social Psychology, 1*-19. <https://doi.org/10.1080/00224545.2018.1477442>
- Hawkey, L. C. (2015). Loneliness and social embeddedness in old age. *Encyclopedia of Geropsychology, 1*–8.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*(3), 511-524. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Hecht, D., & Baum, S. (1984). Loneliness and attachment patterns in young adults. *Journal Of Clinical Psychology, 40*(1), 193-197. [https://doi.org/10.1002/1097-4679\(198401\)40:1<193::AID-JCLP2270400136>3.0.CO;2-2](https://doi.org/10.1002/1097-4679(198401)40:1<193::AID-JCLP2270400136>3.0.CO;2-2)

- Horwitz, L. (2005). The capacity to forgive: Intrapsychic and developmental perspectives. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 53*(2), 485–511. <https://doi.org/10.1177/00030651050530021401>
- Kleiber, D., & Nimrod, G. (2008). Expressions of generativity and civic engagement in a “learning in retirement” group. *Journal of Adult Development, 15*(2), 76–86. <https://doi.org/10.1007/s10804-008-9038-7>
- Lawford, H. L., & Ramey, H. L. (2017). Predictors of early community involvement: Advancing the self and caring for others. *American Journal of Community Psychology, 59*(1-2), 133–143. <https://doi.org/10.1002/ajcp.12120>
- Lawford, H. L., Astrologo, L., Ramey, H. L., & Linden-Andersen, S. (2020). Identity, intimacy, and generativity in adolescence and young adulthood: A test of the psychosocial model. *Identity, 20*(1), 9–21. <https://doi.org/10.1080/15283488.2019.1697271>
- Lawford, H. L., Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (2017). Associations of attachment orientation with early generative concern across adolescence. *Journal of Personality, 86*(4), 726–737. <https://doi.org/10.1111/jopy.12353>
- Limpo, T., Alves, R., & Catro, S. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do índice de reactividade interpessoal. *Laboratório De Psicologia, 8*(2), 171-184. <http://hdl.handle.net/10400.12/3425>
- Luhmann, M., & Hawkey, L. (2016). Age differences in loneliness from late adolescence to oldest old age. *Developmental Psychology, 52*(6), 943-959. <https://doi.org/10.1037/dev0000117>
- McAdams, D., & de St. Aubin, E. (1992). A theory of generativity and its assessment through self-report, behavioral acts, and narrative themes in autobiography. *Journal Of Personality And Social Psychology, 62*(6), 1003-1015. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.62.6.1003>
- McAdams, D., de St. Aubin, E., & Logan, R. (1993). Generativity among young, midlife, and older adults. *Psychology And Aging, 8*(2), 221-230. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.8.2.221>
- McAdams, D., Hart, H. & Maruna, S. (1998). The anatomy of generativity. In D. P. McAdams & E. de St Aubin (Eds). *Generativity and Adult Development: How and why we care for the next generation* (pp. 7-43). APA
- Moieni, M., Irwin, M. R., Seeman, T. E., Robles, T. F., Lieberman, M. D., Breen, E.C., Okimoto, S., Lengacher, C., Arevalo, J. M. G., Olmstead, R., Cole, S. W., & Eisenberger, N. I. (2019). Feeling

- needed: effects of a randomized generativity intervention on well-being and inflammation in older women. *Brain, Behavior, and Immunity*. <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2019.11.014>
- Moieni, M., Seeman, T. E., Robles, T. F., Lieberman, M. D., Okimoto, S., Lengacher, C., Irwin, M. R., & Eisenberger, N. I. (2020). Generativity and social well-being in older women: Expectations regarding aging matter. *The Journals of Gerontology: Series B*. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbaa022>
- Nelson, N. A., & Bergeman, C. (2019). Generativity across adulthood: The effects of age and affect. *Innovation in Aging*, *3*(S1), 773. <https://doi.org/10.1093/geroni/igz038.2842>
- Neto, F. (2014). Socio-demographic predictors of loneliness across the adult life span in Portugal. *Interpersona: An International Journal On Personal Relationships*, *8*(2), 222-230. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v8i2.171>
- O'Brien, E., Konrath, S. H., Gruhn, D., & Hagen, A. L. (2013). Empathic concern and perspective taking: Linear and quadratic effects of age across the adult life span. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, *68*(2), 168–175. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbs055>
- Ong, A. D., Uchino, B. N., & Wethington, E. (2015). Loneliness and health in older adults: A mini-review and synthesis. *Gerontology*, *62*(4), 443–449. <https://doi.org/10.1159/000441651>
- Russell, D., Peplau, L., & Cutrona, C. (1980). The revised UCLA loneliness scale: Concurrent and discriminant validity evidence. *Journal Of Personality And Social Psychology*, *39*(3), 472-480. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.39.3.472>
- Schoklitsch, A., & Baumann, U. (2012). Generativity and aging: A promising future research topic? *Journal of Aging Studies*, *26*(3), 262-272. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2012.01.002>
- Soares, I. (2009). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Psiquilíbrios Edições.
- Toussaint, L., & Webb, J. R. (2005). Gender differences in the relationship between empathy and forgiveness. *The Journal of Social Psychology*, *145*(6), 673–685. <https://doi.org/10.3200/SOCP.145.6.673-686>
- Urrutia, A., Cornachione, M. A., Moisset de Espanés, G., Ferragut, L., & Guzmán, E. (2009). The culminating point of generativity in older women: Main aspects of their life narrative. *Forum Qualitative Social Research*, *10*(3). <http://dx.doi.org/10.17169/fqs-10.3.1180>

Villar, F., & Serrat, R. (2014). A field in search of concepts: The relevance of generativity to understanding intergenerational relationships. *Journal of Intergenerational Relationships, 12*(4), 381–397. <https://doi.org/10.1080/15350770.2014.960352>

Wiles, J. L., & Jayasinha, R. (2013). Care for place: The contributions older people make to their communities. *Journal of Aging Studies, 27*(2), 93–101.

## Anexo

### Parecer do Conselho de Ética da Universidade do Minho



Universidade do Minho  
Conselho de Ética

#### **Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas**

Identificação do documento: CEICSH 037/2019

Relator: Emanuel Pedro Viana Barbas de Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *Preditores de Generatividade na idade adulta: Empatia, Vinculação e Solidão*

Equipa de Investigação: Vera Eugénie Amorim Rodrigues, Estudante do Mestrado Integrado em Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; José Ferreira-Alves (Orientador), Professor Auxiliar do Departamento de Psicologia Básica, Escola de Psicologia, Universidade do Minho

#### **PARECER**

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Preditores de Generatividade na idade adulta: Empatia, Vinculação e Solidão*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 4 de julho de 2019.

O Presidente da CEICSH

Assinado por : **ACÍLIO DA SILVA ESTANQUEIRO  
ROCHA**  
Num. de Identificação Civil: B1042754054  
Data: 2019.07.05 14:47:25 Hora de Verão de GMT

